

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**TATIANA MONREAL CANO**

**A TEORIA PULSIONAL FREUDIANA À LUZ DA LEITURA DE GREEN:  
UMA ALTERNATIVA AO BIOLOGISMO MÍTICO**

São Paulo  
2015

**TATIANA MONREAL CANO**

**A TEORIA PULSIONAL FREUDIANA À LUZ DA LEITURA DE GREEN:  
UMA ALTERNATIVA AO BIOLOGISMO MÍTICO**

**(Versão Corrigida)**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo, como parte dos  
requisitos para a obtenção do grau de Doutor em  
Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann

São Paulo  
2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Cano, Tatiana Monreal.

A teoria pulsional freudiana à luz da leitura de Green: uma alternativa ao biologismo mítico. / Tatiana Monreal Cano; orientador Daniel Kupermann . -- São Paulo, 2015.

253f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Teoria pulsional 2. Pulsão 3. Pulsão de morte 4. Narcisismo 5. Desligamento 6. Compulsão à repetição 6. Intrapsíquico 6. Intersubjetivo 7. Freud, Sigmund (1856-1939) 8. Green, André (1927-2012) I. Título.

RC504

Nome: Tatiana Monreal Cano

Título: A teorial pulsional freudiana à luz da leitura de Green: uma alternativa ao biologismo mítico

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Aprovado em: 15 / 05 / 2015

Banca Examinadora

Prof. Dr. Daniel Kupermann

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Fernando Urribarri

Instituição: Universidad de Buenos Aires Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Luis Claudio Mendonça Figueiredo

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Renato Mezan

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Assinatura: \_\_\_\_\_

Para Mário com todo o meu amor.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. Daniel Kupermann pela acolhida e confiança depositada no meu trabalho.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

À Claudia Rocha, funcionária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do IPUSP, pelo carinho e pela atenção prestada ao longo desses quatro anos.

Ao Ari Bismack, funcionário da pós-graduação do IPUS, pela solicitude durante a preparação da tese.

Ao prof. Dr. Luiz Roberto Monzani pelo inestimável diálogo e pelas preciosas orientações.

Ao prof. Dr. Leopoldo Fulgêncio pela leitura rigorosa do trabalho no exame de qualificação.

Às amigas Livia Santiago Moreira e Priscila Frehse Pereira Robert pelas conversas enriquecedoras ao longo desses últimos anos.

Aos colegas de grupo de orientação pelas trocas realizadas.

À Gisela Paraná Sanches pelo carinho, apoio e por compartilhar seus conhecimentos comigo.

Ao Mário pelo incansável estímulo e paciência ao longo da elaboração dessa tese. Sem você esta tese teria sido muito mais difícil de ser concluída.

## RESUMO

CANO, Tatiana Monreal. *A teoria pulsional freudiana à luz da leitura de Green: uma alternativa ao biologismo mítico*. São Paulo, 2015. 253p. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Diante da explicação freudiana para o fenômeno da compulsão à repetição através da tese da pulsão de morte concebida enquanto retorno ao estado inorgânico, formula-se a seguinte questão: seria possível, por um lado, recusar a explicação freudiana pautada em seu biologismo mítico e, por outro lado, aceitar a tese de que a pulsão de morte seja uma força de desligamento?

Para responder a essa pergunta encontramos um vasto material na obra publicada por André Green ao longo de sua carreira de mais de quarenta anos sob a rubrica “trabalho da pulsão de morte”, mais tarde, substituída por “trabalho do negativo”.

Este texto tem como objetivo sistematizar a leitura e os aportes de Green à teoria das pulsões freudiana, sobretudo em relação ao segundo dualismo pulsional. Ele se divide em duas partes. Na primeira, destaca-se a análise de Green sobre as relações entre a pulsão de morte e a teoria do narcisismo na obra freudiana; na segunda, sua crítica em relação ao solipsismo freudiano e a necessidade de sua superação através das teorizações contemporâneas em torno às noções de objeto e de espaço potencial. Estas são complementadas por uma teoria da temporalidade do psiquismo.

O trabalho defende a tese de que Green aceita o conceito freudiano de pulsão de morte enquanto força de desligamento, mas recusa o biologismo mítico subjacente à ideia do retorno ao estado inorgânico. Além disso, se Green concorda com a explicação freudiana para a pulsão de morte enquanto força de desligamento – expressada no narcisismo negativo –, ele se recusa a conceber que o processo de desligamento possa se instaurar de maneira espontânea ou automática. Para ele, este processo deve ser pensado mediante a articulação do funcionamento pulsional e da resposta do objeto que, neste caso, falha no estabelecimento do princípio do prazer; em outras palavras, o fracasso na instalação da espera institui a compulsão à des-fazer e des-ligar. De tal modo, a compulsão à repetição mortífera, ao contrário de repetir o desejo inconsciente – e, portanto, estar referida à intemporalidade do inconsciente e à lógica da esperança – é, na verdade, um anti-tempo. Nesse sentido, presente, passado e futuro ficam reduzidos ao instante da descarga completa de toda tensão, impossibilitando qualquer projeto.

Dado o anterior, resulta que as teorizações de Green em relação ao trabalho do negativo, ainda que avessas à tese freudiana do retorno ao estado inorgânico, aceitam, não obstante, a tese da pulsão de morte enquanto processo de desligamento desde que esta seja pensada através da articulação das dimensões intrapsíquica e intersubjetiva. Isso implica pensar na resposta do objeto e fazê-lo responsável pelo malogro na instalação da heterocronia no psiquismo.

Conclui-se que a obra de Green oferece uma alternativa original ao biologismo mítico para a explicação da pulsão de morte.

**Palavras-Chave:** Teoria Pulsional; Pulsão; Pulsão de Morte; Narcisismo; Desligamento; Compulsão à Repetição; Intrapsíquico; Intersubjetivo; Freud, Sigmund, 1856-1939; Green, André, 1927-2012.



## **ABSTRACT**

CANO, Tatiana Monreal. Freud's drive theory in the light of Green's readings: An alternative to mythical biologism. Sao Paulo, 2015. 253p. Thesis (PhD). Institute of Psychology. University of Sao Paulo.

Given the Freudian explanation for the phenomenon of compulsion to repeat based on the death drive's thesis, conceived as a return to the inorganic state, one formulates the following question: would it be possible, on the one hand, to refuse the Freudian explanation guided by its mythical biologism, and on the other hand accept the thesis that the death drive is a disengagement force?

To answer this question we find a vast amount of material on the work published by André Green throughout his career of more than forty years under the title "work of the death drive", later renamed "work of the negative".

This thesis aims to systematize Green's reading and contributions to the Freudian drive theory, especially regarding the second drive dualism. It is divided into two parts. The first one is Green's analysis of the relationship between death drive and theory of narcissism on Freud's work; the second one is about his criticism of Freud's solipsism and the need to its overcome through contemporary theories around the notions of object and potential space. These will be complemented by a theory of the temporality of the psyche.

The present work supports the thesis that Green accepts the Freudian concept of death drive as a disengagement force, but refuses the mythical biologism subjacent to the return to the inorganic state's idea. Furthermore, if Green agrees with the Freudian explanation of the death drive as a disengagement force – expressed in the negative narcissism – he will refuse to conceive that the disengagement process will be established spontaneously or automatically. To him, this process should be thought through the articulation of instintual functioning and the object's response that in this case fails in establishing the principle of pleasure; in other words, the failure of the waiting installation establishes the compulsion to disengage and to disconnect. Inasmuch, the deadly compulsion to repeat, instead of repeating the unconscious desire – and therefore be referred to the intemporal of the unconscious and to the logic of hope – is actually an anti-time. In this sense, present, past and future are reduced to the instant of total discharge of all tension, precluding any project.

Given the above it follows that Greens theorization regarding the work of the negative, though averse to the Freudian thesis of the return to the inorganic state, accept however the thesis of death drive as a shutdown process provided that this is thought through the articulation of the intrapsychic and intersubjective dimensions. This implies thinking of the object's response and make it responsible for the failure in the installation of heterochrony in the psyche.

It concludes that the work of Green offers an original alternative to the mythical biologism regarding the explanation of the death drive.

**Keywords:** Pulsional theory; Drive; Instinct of Death; Narcissism; Disengagement; Compulsion to repeat; Intrapsychic; Intersubjective; Freud, Sigmund, 1856-1939; Green, André, 1927-2012.

**A TEORIA PULSIONAL FREUDIANA À LUZ DA LEITURA DE GREEN:  
UMA ALTERNATIVA AO BIOLOGISMO MÍTICO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1ª PARTE:</b>	
<b>PULSÃO DE MORTE E NARCISISMO .....</b>	<b>23</b>
<b>1. O argumento da pulsão de morte e o conceito de narcisismo .....</b>	<b>24</b>
1.1. A hipótese da origem da pulsão de morte .....	25
1.1.1. Os modelos sincrônico e diacrônico .....	26
1.2. Narcisismo: o andaime de sustentação contra os ataques da pulsão de morte ....	31
1.2.1. De volta ao mito: a doutrina das pulsões .....	34
<b>2. A tese do narcisismo primário .....</b>	<b>41</b>
2.1. Narcisismo primário absoluto .....	43
2.2. O princípio de inércia e o princípio de constância: Freud e Fechner .....	44
2.3. A teoria dos estados e a teoria das estruturas .....	50
2.4. O aparelho psíquico e as pulsões .....	52
2.5. Acerca da origem e do destino dos investimentos primários .....	57
2.6. Sobre a inibição da meta da pulsão .....	60
2.7. A função do ideal, a dessexualização e a pulsão de morte .....	64
2.8. A proteção anti-estímulo e a repressão .....	68
2.9. Sobre o autoerotismo .....	72
2.10. Acerca da repressão e do eu .....	75
2.11. Sobre a dupla transformação e a decussação primária .....	79
2.12. O eu e o seu ideal .....	84
2.13. A primeira diferença .....	86
2.14. A alucinação negativa da mãe .....	88
2.15. O desejo do Um .....	90
2.16. A introjeção e a projeção .....	92
2.17. O olho de Narciso .....	93
2.18. Fénix, Narciso e morte .....	94
<b>3. O trabalho do negativo .....</b>	<b>96</b>
3.1. Os diferentes sentidos do trabalho do negativo na obra de Freud .....	97
3.2. O trabalho do negativo na 2ª tópica .....	99
3.3. Pulsão de morte, narcisismo negativo e função desobjetalizante .....	101

## **2ª PARTE:**

<b>PULSÃO-OBJETO E TEMPORALIDADE .....</b>	<b>108</b>
<b>4. A questão do objeto .....</b>	<b>109</b>
4.1. A epistemologia do objeto na metapsicologia de Freud .....	110
4.2. O objeto na metapsicologia freudiana .....	111
4.3. O manuseio do objeto nos discípulos de Freud .....	114
4.4. O objeto transicional .....	116
4.5. A contribuição winnicottiana da noção de espaço potencial .....	120
4.6. A compreensão da realidade da não-realidade .....	124
<b>5. A relação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo .....</b>	<b>127</b>
5.1. Dos prejuízos da substituição dos conceitos freudianos de pulsão e de eu .....	127
5.2. A distinção entre representação e percepção nos escritos freudianos .....	129
5.3. A pulsão e o objeto na visão acoplada .....	132
5.4. A revisão da teoria pulsional em relação ao papel do objeto .....	134
5.5. O modelo da relação analítica .....	136
5.6. O duplo tempo .....	140
5.7. Para si mesmo e para o outro .....	142
5.8. A passagem da 1ª para a 2ª tópica .....	144
5.9. O modelo da rememoração na 1ª tópica .....	147
5.10. Um modelo para explicar a atuação .....	151
5.11. De volta à pulsão: sobre a força e o sentido .....	152
<b>6. A compulsão à repetição: pulsão, objeto e temporalidade .....</b>	<b>159</b>
6.1. As características da compulsão à repetição .....	166
6.2. As implicações da concepção freudiana de transferência e de objeto .....	170
6.3. A proposta de superação através do objeto .....	175
6.4. O Objeto e a pulsão .....	183
6.5. Os dois objetos .....	186
6.6. Trauma, jogo e transferência .....	193
6.7. Transferência e repetição .....	196
6.8. Objeto e temporalização .....	201
6.9. O objeto entre o trauma e o jogo .....	208
6.10. Sobre a ligação e o outro .....	212
<b>7. O objeto e a heterocronia do psiquismo . .....</b>	<b>216</b>
7.1. O sentido do tempo .....	225

7.2. Representação-apresentação .....	236
7.3. O tempo fragmentado .....	238
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>241</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>248</b>

## INTRODUÇÃO

### I

Como a força da pulsão originada no soma se transforma em sentido no psiquismo?<sup>1</sup> Como que um aparelho – caracterizado de psíquico – atende à demanda de trabalho que lhe é imposta por sua ligação com o somático? Estas foram algumas das perguntas que impulsionaram Freud durante boa parte da elaboração da sua metapsicologia até se ver confrontado com uma força que, ao contrário, parecia ir ao sentido do não-sentido, da destruição, enfim, da morte.

Em 1914, ao introduzir a questão do narcisismo, Freud já não estava mais tão convencido de ter encontrado o conflito psíquico basal, uma vez que novos dados clínicos colocavam em xeque a tese do conflito pulsional. No entanto, somente em 1920, após seis anos de elaboração, reconhecerá abertamente os limites da recém-construída metapsicologia. Desde então, a teoria do narcisismo desaparecerá progressivamente da teoria.

A constatação do fenômeno da compulsão à repetição, a ampla frequência do masoquismo, a extensão do sentimento de culpa inconsciente e a reação terapêutica negativa levarão Freud a admitir a existência de uma força pulsional que exerce sua ação, não só fora do campo da libido, mas, inclusive, contra a própria libido e a lançar a hipótese da pulsão de morte.

Entretanto, se a ideia do caráter regressivo da pulsão já estava presente desde os primórdios da psicanálise, a partir de agora, tal retorno não se limitará às fixações instaladas no percurso do desenvolvimento libidinal, ou seja, já não se busca mais o reencontro com formas passadas de prazer. Assim, a hegemonia do prazer tem seu campo de ação drasticamente diminuído.

A partir desse momento, Freud se verá obrigado a revisar a metapsicologia para que ela possa dar sentido ao não-sentido e, deste modo, abrigar o irrepresentável no seio do psiquismo.

Com efeito, a repetição, até então concebida enquanto resistência, demandando, nesse aspecto, mais tempo e paciência para a elaboração (Freud, 1914), mostrar-se-á como força tenaz que se utiliza de todos os meios para se ater à doença e ao sofrimento.

---

<sup>1</sup> De acordo com Monzani (1989), a transformação de processos energéticos orgânicos em processos energéticos psíquicos, engendrados pela noção de pulsão, é, sem dúvida, um dos grandes mistérios da obra de Freud; não obstante, uma das especificidades da epistemologia freudiana.

A compulsão à repetição mortífera, ao contrário de repetir o desejo inconsciente, revelar-se-á compulsão a desfazer e a destruir (Freud, 1920). O inconsciente, habitado pela representação de coisa, será suplantado pelo Id, um lugar preeminente de forças e, deste então, mencionado apenas na condição de qualidade psíquica (Freud, 1923; 1938). O modelo do ato paulatinamente substituirá o modelo do sonho. A representação, considerada um dado do psiquismo em primeira tópica, revelar-se-á, ao contrário, uma aquisição. Em suma, segundo Green (2010 [2003]), a problemática da clínica e da teoria freudiana, a partir de 1924, em vez de se centrar na tese da neurose como o negativo da perversão, privilegiará a comparação entre a neurose e a psicose na compulsão à repetição mortífera da reação terapêutica negativa.

Finalmente, ao conceber a hipótese de uma pulsão de morte, Freud sublinha que sua meta é a redução completa das tensões até retornar ao estado inorgânico; e ainda quando ao final da sua vida se pronunciar sobre este aspecto da teoria, manterá as mesmas formulações de 1920.

## II

Se a hipótese da pulsão de morte foi a resposta teórica de Freud para a ampla frequência da reação terapêutica negativa, dominada pela compulsão à repetição mortífera, isso não significou, entretanto, sua adesão unânime. Pelo contrário, para muitos psicanalistas, Freud estava levando seu raciocínio demasiado longe ao especular sobre a hipótese de uma pulsão de morte com aspiração ao retorno ao estado inorgânico; ou seja, propondo uma causalidade biológica para um processo psíquico.

Por outro lado, o crescente interesse de Freud pela cultura, sobretudo pela forma através da qual a pulsão de morte aí se expressa, e o seu silêncio de quase pelo menos vinte anos em relação à técnica psicanalítica, deixará este campo aberto a críticas e, conseqüentemente, sujeito a mudanças.

De fato, em 1924, Ferenczi e Rank<sup>2</sup> escreveram em conjunto um artigo fazendo, não só um balanço sobre a atual situação da técnica, como, inclusive, propondo mudanças no que se refere, por exemplo, ao papel da repetição na cura; mas foi, principalmente, pela “introdução deliberada da vivência analítica, sustentada pela compreensão”, que Ferenczi criticou Freud e se diferenciou dele (Ferenczi, 2011 [1924]). Desde então, de acordo com Green (2010 [2002a]), nasceu uma nova espécie

---

<sup>2</sup> Ferenczi, S. *Perspectivas em psicanálise. Sobre a interdependência da teoria e da prática*. 2ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1924].

de analista – o analista-terapeuta – e o interesse quase que exclusivo pela terapêutica psicanalítica.

As teorizações, por outro lado, passaram a se avolumar em torno daquilo que havia sido pouco explorado por Freud, a questão do objeto, agora, considerado na sua multiplicidade de aspectos e funções<sup>3</sup>. Além disso, novas noções surgiram para substituir o insatisfatório conceito de ego freudiano<sup>4</sup>. Finalmente, o conceito de narcisismo, dada a sua realidade na clínica, voltava com toda a força na psicanálise contemporânea.

Em suma, pode-se dizer que daí em diante as teorizações se multiplicaram em substituição às grandes hipóteses metapsicológicas; provocando, conseqüentemente, uma verdadeira dispersão em relação às referências fundamentais.

### III

O presente trabalho tem como ponto de partida a questão aberta em 1914: como interpretar o fenômeno da compulsão à repetição no psiquismo, principalmente, quando, ao contrário de repetir o desejo inconsciente, parece se manifestar como compulsão à repetição mortífera?

Mas seria possível concordar com Freud no que se refere à hipótese de uma pulsão de morte – força que aspira à descarga completa das tensões, instalando o irrepresentável e a própria destruição no seio do psiquismo – sem, no entanto, aderir ao biologismo mítico – o retorno ao estado inorgânico – das especulações expressas em *Além do princípio do prazer* (1920)? Em outras palavras, seria possível se situar junto a Freud no que se refere ao conceito de pulsão – mais especificamente, da pulsão de morte – e, não obstante, separar-se dele para poder ler na compulsão à repetição mortífera aquilo que, por conta das suas referências teóricas e estratégias metodológicas, não lhe fora possível fazer?

O objetivo deste trabalho é sistematizar a leitura e os aportes de Green à teoria pulsional freudiana, sobretudo em relação à última teoria das pulsões. Para tanto, pautar-nos-emos nos seus artigos publicados ao longo de sua carreira de mais de quarenta anos.

---

<sup>3</sup> Como por exemplo, enquanto parte desejada da qual o ego anseia apoderar-se, e, também, de acordo com sua função, como por exemplo, enquanto objeto fantasioso (Green, 2008c).

<sup>4</sup> Como por exemplo, a noção de *self*, seja em Hartmann, Klein e, inclusive, Winnicott, as referências ao Eu, por exemplo, em Piera Aulagnier e ao sujeito, em Lacan (Ibid.).



O trabalho defende a tese de que Green aceita o conceito freudiano de pulsão de morte enquanto força de desligamento, mas recusa o biologismo mítico subjacente à ideia do retorno ao estado inorgânico. Além disso, se Green concorda com a explicação freudiana para a pulsão de morte enquanto força de desligamento – expressada no narcisismo negativo –, ele se recusa a conceber que o processo de desligamento possa se instaurar de maneira espontânea ou automática. Para ele, este processo deve ser pensado mediante a articulação do funcionamento pulsional e da reposta do objeto que, neste caso, falha no estabelecimento do princípio do prazer; em outras palavras, o fracasso na instalação da espera institui a compulsão à des-fazer e des-ligar. De tal modo, a compulsão à repetição mortífera, ao contrário de repetir o desejo inconsciente – e, portanto, estar referida à intemporalidade do inconsciente e à lógica da esperança – é, na verdade, um anti-tempo. Nesse sentido, presente, passado e futuro ficam reduzidos ao instante da descarga completa de toda tensão, impossibilitando qualquer projeto.

Para facilitar a defesa da nossa tese, dividiremos o texto em duas partes e em sete capítulos.

Na primeira parte, intitulada *Pulsão de morte e narcisismo*, focar-nos-emos na leitura de Green em relação:

- a) ao lugar que o narcisismo ocupa ao longo da obra de Freud;
- b) à ação da pulsão de morte no psiquismo;
- c) à necessidade de se conceber um narcisismo negativo, expressão da função desobjetalizante.

O objetivo geral será explicitar a maneira pela qual Green, ao criticar e recusar o biologismo mítico de Freud, engendrará uma leitura das relações entre a pulsão de morte e o narcisismo.

Na segunda parte, nomeada *Pulsão-objeto e temporalidade*, deter-nos-emos na compreensão de Green no que se refere:

- d) às concepções de objeto desenvolvidas pelo pensamento psicanalítico;
- e) ao conceito de pulsão desde a referência ao objeto – a visão acoplada;
- f) à problemática da compulsão à repetição mortífera;
- g) aos diversos modos de temporalização do psiquismo.

O objetivo geral será demonstrar o modo pelo qual Green, ao reconhecer que o ponto débil da teoria freudiana se refere à resposta do objeto, e que as teorizações contemporâneas preencheram essa lacuna, proporá uma alternativa para a explicação freudiana da compulsão à repetição mortífera. Ademais, o autor articulará a pulsão à

resposta do objeto para pensar a instalação, ou o malogro, da heterocronia do psiquismo.

Para cada um desses itens, dedicaremos um capítulo.

No primeiro capítulo, *O argumento da pulsão de morte e o conceito de narcisismo*, apresentaremos as análises realizadas por Green acerca das relações entre a pulsão de morte e a teoria do narcisismo. O nosso objetivo será mostrar o lugar que Green, ao analisar as relações entre libido objetal vs. libido narcisista e pulsão de vida vs. pulsão de morte, confere ao narcisismo na teoria freudiana.

No segundo capítulo, *A tese do narcisismo primário*, explicitaremos a original leitura realizada por Green da obra de Freud ao propor a tese do narcisismo primário enquanto estrutura que aspira ao nível zero de excitação. O nosso objetivo será demonstrar o modo como o autor entende a ação da pulsão de morte no psiquismo. Ao propor sua tese, veremos que Green, na década de 60, dava início a uma série de reflexões, retomada na década de 90, em torno da questão do “trabalho do negativo”.

No terceiro e último capítulo da primeira parte, *O trabalho do negativo*, apresentaremos o sentido e os diferentes usos que Green confere ao termo *trabalho do negativo* em psicanálise. O nosso objetivo será explicitar o conceito de função desobjetalizante, enquanto força de desligamento, e não como retorno ao inorgânico. Ao defender a proposta do desligamento, o autor argumentará, ao contrário de Freud, a necessidade de vinculá-lo à problemática do objeto.

No quarto capítulo da tese e primeiro da segunda parte, *A questão do objeto*, situaremos a leitura de Green em relação à questão do objeto. O nosso objetivo será apresentar o exame realizado pelo autor em torno à problemática do objeto em Freud e na psicanálise pós-freudiana, com destaque para as ideias de Winnicott.

No quinto capítulo, *A relação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo*, exibiremos a proposta do autor em relação à visão acoplada: pulsão-objeto. O nosso objetivo será expor a sua crítica no que tange às visões excludentes: ou teoria pulsional, ou teoria das relações de objeto, e a maneira pela qual o autor concebe a articulação entre as dimensões intrapsíquica e intersubjetiva.

No sexto capítulo, *A compulsão à repetição: pulsão, objeto e temporalidade*, revelaremos a proposta de Green para a compreensão da compulsão à repetição mortífera. O nosso objetivo será apresentar os seus argumentos para a compreensão do referido fenômeno. Neste caso, contemplaremos a articulação realizada por ele entre a

teoria pulsional e a centrada no objeto, acrescidas de uma teoria da temporalidade do psiquismo.

No sétimo capítulo, *O objeto e a heterocronia do psiquismo*, demonstraremos as análises do autor no que diz respeito a uma teoria da temporalidade em psicanálise. O nosso objetivo será explicitar a reflexão do autor quanto ao papel do objeto na instalação da heterocronia do psiquismo; ou seja, da secundariedade.

#### IV

Para finalizar esta introdução, gostaríamos de dar algumas indicações que poderão facilitar a compreensão por determinadas opções em detrimento de outras e a própria leitura deste trabalho.

Ao iniciarmos esse projeto, estávamos preocupados com a situação metapsicológica da contratransferência.

O ponto de partida na ocasião foi o seguinte: em que medida o pensamento engendrado pela virada dos anos 20 poderia justificar o uso contratransferência, dado que os artigos técnicos de Freud – em que ele desaconselha o uso da contratransferência – estão pautados na 1ª tópica e no 1º dualismo pulsional? Ou seja, o que não mais justificaria a técnica engendrada na década de 1910 após as reformulações de 1920?

Entretanto, e antes de qualquer coisa, começamos pela transferência – na sua relação com a contratransferência – vinculando-a à velha problemática da relação sujeito X objeto. Levantamos a seguinte questão: a opção de Freud em relação ao pertencimento da psicanálise às ciências naturais, de alguma maneira, poderia tê-lo feito confundir aquilo que seria o objeto do cientista, daquilo que seria objeto do clínico? Neste caso, com prejuízos para a concepção de contratransferência. Além disso, a ênfase dada na 1ª tópica à representação poderia ter levado Freud a menosprezar a situação do afeto na clínica e na teoria? Seria possível, ainda, pensar que Freud se desiludiu em relação à racionalidade humana diante das grandes guerras mundiais e revisto seu aferramento aos poderes da razão com implicações para o campo contratransferencial<sup>5</sup>?

---

<sup>5</sup> Chegamos, inclusive, a publicar um artigo sobre as implicações desse aspecto da epistemologia da metapsicologia para a técnica psicanalítica – algo que hoje já não nos parece ser tão decisivo assim para a situação da transferência. Cano, T. M. e Kupermann, D. O uso da *Einfühlung* em Freud no horizonte da dimensão sensível da experiência psicanalítica. Em: Figueiredo, L. C., Saviotto, B. B. e Souza, O (orgs). *Elasticidade na clínica contemporânea*. São Paulo: Editora Escuta, 2013.

Para tanto, trabalhávamos, dentre outras, com as reflexões acerca da epistemologia freudiana de P.L. Assoun.

Ademais, estudávamos as críticas feitas por Ferenczi à Freud em relação à contratransferência e ao lugar do afeto na técnica e a leitura de Green acerca do afeto na metapsicologia.

No exame de qualificação, o professor Monzani teceu algumas críticas. De todas elas, ressaltamos aquela que contribuiu consideravelmente para a continuidade do projeto e, de roldão, à eleição de André Green como autor de referência para o andamento da pesquisa.

De acordo com Monzani, e aqui sua fala pode ser diretamente relacionada ao seu artigo: *Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas* (1991), no qual, dentre outras coisas: a) critica determinadas leituras interpretativas da metapsicologia freudiana – tal qual a de P. Ricoeur, por exemplo, que procura obstruir a dimensão energética da metapsicologia; b) frisa a necessidade irrevogável de ler a psicanálise freudiana explicitando o seu sentido interno, os seus desenvolvimentos conceituais e os problemas daí decorrentes, em vez de se pautar em um sistema filosófico, seja ele qual for<sup>6</sup>, enquanto procedimento mais adequado e interessante para a própria compreensão das questões internas à metapsicologia; finalmente, c) a importância em se pautar em autores que, de fato, contribuíram nesse sentido, como, por exemplo, A. Green, em vez, por exemplo, de P. L. Assoun.

Enfim, após refletir e analisar as críticas, aceitamos a tarefa de reformular o nosso projeto inicial. Assim, recomeçamos pela problemática relacionada ao afeto na metapsicologia a partir de Green. Consequentemente, fomos nos aprofundando nas contribuições do referido autor em relação a outros aspectos. Chamou nossa atenção a proposta greenneana da visão acoplada: pulsão-objeto; pois nos pareceu possível encontrar a metapsicologia da indissociabilidade transferência-contratransferência.

Por outro lado, dávamo-nos conta de que Ferenczi, nosso então interlocutor de Freud em relação à contratransferência e aos afetos, deixava de ser a referência principal. A essa altura, e a título de continuidade do projeto, concluímos que: a) seu pensamento não se pretende eminentemente metapsicológico; em vez disso, prioriza as discussões em torno da técnica psicanalítica; b) ainda que se possa extrair das discussões relativas à técnica, a metapsicologia subjacente, esta não é unívoca no que se refere ao acento

---

<sup>6</sup> Por exemplo, além de Ricoeur, podemos citar a leitura de L. Binswanger pautada na analítica do *Dasein* de M. Heidegger.

conferido ao trauma. Ora, privilegia-se pulsão – e seu corolário, o excesso pulsional – e, ora, ao ambiente; por exemplo, respectivamente, em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (2011 [1929]) e, em *Confusão de línguas entre o adulto e a criança* (2011 [1933]); finalmente, c) mesmo que Ferenczi tenha sido um dos pioneiros a enfatizar o aspecto do ambiente, antecipando muitas das discussões realizadas na abordagem dos casos limite, o seu objetivo não era articular as dimensões pulsional e “ambiental”, “relacional”, “intersubjetiva”, “objetal” (futuras terminologias) – ainda que seu pensamento repercutisse nessa dimensão.

Ao eleger, portanto, Green enquanto leitor de Freud e autor original, mantínhamos o estudo do pensamento de Freud do nosso projeto inicial. Ademais, metódica e teoricamente, a opção pelo pensamento de Green, sobretudo a dimensão “mais metapsicológicas” da sua obra, parecia mais adequada em num trabalho que pretendia privilegiar a dimensão metapsicológica da obra de Freud – ainda que carente de revisões. De tal modo, nada mais adequado que se focar em um autor que tenha se dedicado a tal tarefa.

Paralelamente, na medida em que íamos conhecendo o trabalho de Green através dos seus comentadores, Candi (2010), Cintra (2013), Coelho Jr. (2013), Figueiredo (2013), Garcia (2007), Urribarri (2010; 2014 [2007]), entre outros, ficávamos com a impressão de que, apesar dos autores reconhecerem sua teoria do negativo, aceitarem a tese do narcisismo negativo – e seu corolário, a função desobjetalizante –, compartilharem da opinião de que Green rompeu com as barreiras impostas entre a teoria pulsional e a das relações de objeto, nenhum deles tomou esse conjunto na sua totalidade; com exceção de Urribari (2010, 2014 [2007]). Este comentador explicitou esse eixo temático do pensamento de Green no prefácio ao livro *Por que as pulsões de destruição ou de morte?* (2014[2007]), retomado em outro artigo sob a rubrica: “A destrutividade e seus destinos: revisão e reformulação da pulsão de morte” (2010).

Assim, pareceu-nos extremamente interessante, e por si só justificado, em vez da contratransferência propriamente dita, sistematizar a leitura e os aportes de Green à teoria das pulsões, privilegiando o 2º dualismo pulsional.

No que tange à obra propriamente dita de Green, trabalhamos com os seus artigos publicados ao longo da sua carreira, entre a década de 60 e os anos 2000. Quanto ao idioma, optamos, em sua maioria, pela tradução feita pelo espanhol, não só pela familiaridade com o idioma, mas sobretudo porque as versões brasileiras – por

exemplo, de *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* – nos pareceram confusas em algumas passagens. Quanto aos textos que não tinham tradução nem para o português e nem para o espanhol, lemos no original, em francês. Com exceção só para o *Trabalho do negativo* (2003). Neste caso, cotejamos com a versão francesa, pois, tanto as versões trazidas pelo português como a do espanhol, confundiam em algumas passagens.

Para encerrar, aproveitamos para prevenir o leitor do fato de que inevitavelmente o mesmo tema será abordado em diferentes ocasiões. No entanto, sempre que for retomado, será para analisá-lo por outro ângulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da explicação freudiana para o fenômeno da compulsão à repetição através da tese da pulsão de morte, formulamos a seguinte questão: seria possível, por um lado, recusar a explicação freudiana pautada em seu biologismo mítico e, por outro, aceitar a tese de que a pulsão de seja uma força de desligamento?

Para responder a essa pergunta, pautamo-nos num vasto material publicado por Green ao longo da sua carreira de mais de quarenta anos sob a rubrica “trabalho da pulsão de morte”, mais tarde, substituída por “trabalho do negativo”.

Frente a isso, objetivamos sistematizar a leitura e os aportes de Green à teoria da pulsões freudiana, sobretudo em relação ao segundo dualismo pulsional. Para o cumprimento de tal objetivo, dividimos a exposição em duas partes.

Na primeira parte, intitulada *Pulsão de morte e narcisismo*, focamo-nos na leitura de Green em relação

- a) ao lugar que o narcisismo ocupa ao longo da obra de Freud;
- b) à ação da pulsão de morte no psiquismo;
- c) à necessidade de se conceber um narcisismo negativo, expressão da função desobjetalizante.

O objetivo geral foi explicitar a maneira pela qual Green, ao criticar e recusar o biologismo mítico de Freud, engendra uma leitura das relações entre a pulsão de morte e o narcisismo.

Na segunda parte, nomeada *Pulsão-objeto e temporalidade*, detemo-nos na compreensão de Green no que se refere:

- d) às concepções de objeto desenvolvidas pelo pensamento psicanalítico;
- e) ao conceito de pulsão desde a referência ao objeto – a visão acoplada;
- f) à problemática da compulsão à repetição mortífera;
- g) aos diversos modos de temporalização do psiquismo.

O objetivo geral foi demonstrar o modo pelo qual Green, ao reconhecer que o ponto débil da teoria freudiana se refere à resposta do objeto, e que as teorizações contemporâneas preencheram essa lacuna, propôs uma alternativa para a explicação freudiana da compulsão à repetição mortífera. Além disso, como o autor articulou a pulsão à resposta do objeto para pensar a instalação, ou o malogro, da heterocronia do psiquismo.

Para cada um desses itens, dedicamos um capítulo.

No primeiro capítulo, *O argumento da pulsão de morte e o conceito de narcisismo*, apresentamos as análises realizadas por Green acerca das relações entre a pulsão de morte e a teoria do narcisismo. Mostramos o lugar que Green, ao analisar as relações entre libido objetal vs. libido narcisista e pulsão de vida vs. pulsão de morte, conferiu ao narcisismo na teoria freudiana. As análises realizadas pelo autor o levaram a concluir que o narcisismo é o primeiro vencedor na batalha entre as forças de destruição e Eros das pulsões de vida. No entanto, o autor reconheceu a necessidade de se perguntar pelo seu par oposto, o narcisismo de morte. Tema trabalhado no próximo capítulo.

No segundo capítulo, *A tese do narcisismo primário*, explicitamos a original leitura realizada por Green da obra de Freud ao propor a tese do narcisismo primário enquanto estrutura que aspira ao nível zero de excitação. O nosso objetivo foi demonstrar o modo como o autor entende a ação da pulsão de morte no psiquismo e os argumentos utilizados para propor a tese do narcisismo negativo. Vimos que ao se perguntar pelo destino do narcisismo a partir da introdução do último dualismo pulsional, o autor sublinhou que Freud, apesar de não tê-lo incluído nas novas teorizações, voltava vez por outra a mencioná-lo. Entretanto, sem determinar o seu lugar no quadro de referência da pulsão de morte. Além disso, o autor afirmou, a despeito das teorizações em torno ao narcisismo, que nenhuma delas logrou responder à seguinte questão: como conceber uma teoria do narcisismo que leve em consideração a ação das pulsões de morte no psiquismo? Em *Narcisismo primário: estrutura ou estado?*, Green se propôs a responder a essa questão procedendo ao uma longa articulação de ideias e conceitos. Tal procedimento culminou no reconhecimento da necessidade de fornecer uma justificativa estrutural para a criação de investimentos duradouros através da identificação e da ação do princípio de Nirvana neste processo. O autor colocou em evidência que tanto na inibição da meta, assim como no ideal do eu, assiste-se ao trabalho da pulsão de morte. Nesse sentido, ao analisar a aliança entre o Id e o eu, Green concluiu que o eu consente com a instalação, em seu seio, do trabalho da pulsão de morte. Para o autor, este teria sido motivo que teria levado Freud a afirmar que o princípio do prazer estaria a serviço da morte. A seguir, ao acentuar a função de vigilância e de auto-observação, presentes nonexo entre narcisismo e ideal do eu, e ao analisar o caráter imortal extraído das análises do duplo nos mitos e nas religiões, Green concluiu que o eu não pretende nada menos que a imortalidade. Assim, o autor destacou que o narcisismo primário absoluto significa a abolição de toda e qualquer tensão. Neste



caso, se, por um lado, abre caminho para a identificação, por outro, encontra na apropriação do ideal do eu a razão de ser da busca pela maior perfeição. Ao buscar a perfeição, o autor destacou que a invulnerabilidade é o seu objetivo final: a morte e a negação da morte ao mesmo tempo. Finalmente, ao sublinhar o “trabalho da pulsão de morte” no psiquismo neste artigo publicado em 1967, Green dava início a uma série de reflexões em torno à pulsão de morte que, mais tarde, na década de 90, seriam incluídos sob rubrica: “trabalho do negativo”. Tema abordado no capítulo seguinte.

No terceiro e último capítulo da primeira parte, intitulado *O trabalho do negativo*, explicitamos as reflexões desenvolvidas por Green em relação ao *trabalho do negativo* na psicanálise. Vimos que ao chamar a atenção para o fato de o negativo ter passado do negativo da repressão para o negativo da reação terapêutica negativa, o autor concluiu que a diferença entre eles está em que o primeiro preserva a relação com o objeto, ao passo que o segundo, mais que preservar o vínculo, aferra o sujeito ao seu objeto. Em seguida, Green argumentou que: a) quando se pergunta pelo equivalente daquilo que a libido é para Eros; b) quando se aceita a tese de que a função auto-destrutiva seja o equivalente para a pulsão de morte; e, c) quando se recusa a ideia de que esta função seja instaurada de maneira espontânea ou automática, se faz possível conceber a tese de que o desligamento – e, portanto, a função desobjetalizante – cumpre o mesmo papel que a sexualidade para Eros. Nesse sentido, Green propôs o par objetualização-desobjetualização, enquanto alternativa ao par ligação-desligamento. O autor afirmou que o narcisismo negativo é a forma mais extremada do processo de desligamento, ou seja, de desobjetualização. Ademais, ressaltou que, ao contrário do que se poderia imaginar, a função desobjetalizante, longe de se confundir com o trabalho do luto, na verdade, se opõe à sua realização. Finalmente, ao falar em processo de objetualização, Green deu destaque ao lugar do objeto – mais especificamente – à sua função, nos seus aportes à teoria pulsional. Nesse sentido, vimos que o autor reconheceu que em Freud não existe uma teoria que inclui os efeitos da resposta do objeto à montagem pulsional na estruturação do psiquismo. Assim, vimos que Green insistiu na necessidade de revisar a teoria freudiana em torno ao objeto e de desenvolver uma teoria que possa vir a abarcar a dimensão do objeto. Temas desenvolvidos na segunda parte dessa tese.

No quarto capítulo da tese e primeiro da segunda parte, *A questão do objeto*, vimos que Green sinalizou que o pensamento psicanalítico, com o passar do tempo, percebeu que era necessário elaborar uma teoria do objeto para poder enfrentar os

problemas levantados desde 1914. Após fazer uma extensa análise da situação do objeto na obra freudiana, vimos que o autor fez uma exposição das diversas maneiras pelas quais o objeto foi apropriado pelos diferentes autores, culminando na teoria do objeto transicional desenvolvida por Winnicott. Ao reconhecer a originalidade do conceito winnicottiano, o autor destacou a importância da área intermediária, enquanto espaço do jogo e da ilusão. Ademais, frisou o quanto lhe chamou a atenção os últimos trabalhos de Winnicott, pois destacaram o aspecto negativo dos vínculos, levando-o a refletir sobre a importância da compreensão da realidade da não-realidade. Finalmente, Green coloca em relevo a urgência na elaboração de uma teoria que possa vir a ser pensada em termos do par pulsão-objeto, ou, em outras palavras, do par intrapsíquico-intersubjetivo, para poder pensar a questão do investimento negativo através da problemática da compulsão à repetição mortífera. Temas tratados nos próximos capítulos.

No quinto capítulo, *A relação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo*, exibimos a tese de Green em relação à visão acoplada pulsão-objeto. De acordo com o autor, a teorização freudiana está impregnada de uma concepção solipsista, e de que foi preciso esperar para que Winnicott levantasse a pergunta pelas consequências em ter tido uma mãe ou um pai louco ou psicótico. Ao retomar uma fórmula usada por Freud em *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933 [1932]) – em que afirma que a pulsão adquire eficácia psíquica no caminho que vai da fonte à meta –, Green enfatizou que adquirir eficácia psíquica significa se aproximar do objeto. Assim, vimos que o autor propôs substituir a pulsão por *infans* e o objeto pela mãe. A seguir, Green analisou a passagem da 1ª para a 2ª tópica, destacando o fato de o inconsciente ter deixado a sua condição de sistema ao ser substituído pelo Id. Além disso, o autor mostrou que a atuação pôs em xeque o modelo da lembrança, tributário da representação. Logo após, ao levantar a necessidade de um modelo para explicar a propensão a atuar, Green retomou a composição da pulsão, ou seja, suas dimensões relativas à força e ao sentido. Na sequência, o autor insistiu na propriedade energética da pulsão, ao argumentar que sem ela a dinamicidade do psiquismo se perderia. Finalmente, o autor insistiu na necessidade da noção do par pulsão-objeto, enquanto única alternativa possível para romper, tanto com uma teoria das pulsões – encerrada em um solipsismo ultrapassado –, quanto com uma teoria sustentada nas relações de objeto que prescindia da fonte da dinâmica pulsional como motor do investimento e do desenvolvimento. Não obstante, o autor salientou aquilo que empurra a viver, a sair em busca do objeto de satisfação, a objetalar, pode se tornar pura manifestação de uma

força cega, desobjetalizadora. Trata-se da compulsão à repetição mortífera. Tema abordado no capítulo seguinte.

No sexto capítulo, intitulado *A compulsão à repetição: pulsão objeto e temporalidade*, tivemos como objetivo mostrar que a compulsão a compulsão à repetição mortífera se instaura após o encontro insatisfatório ente a pulsão e o objeto. Ao analisar o caráter conservador da pulsão, Green argumentou que no caso da compulsão à repetição mortífera, a descarga da tensão é, na verdade, a inversão de uma conservação – no sentido ontogenético –, pois o aparelho psíquico se esvazia, impossibilitando o seu enriquecimento. Na sequência, vimos que o autor defendeu a ideia de que a compulsão à repetição mortífera patenteia um verdadeiro fracasso no processo de objetualização. Nesse sentido, para o autor, a compulsão à repetição mortífera deve ser entendido enquanto demanda de retorno a um processo de objetualização bloqueado. Em seguida, o autor mostrou que Freud passou da tese do inconsciente, enquanto reserva inesgotável de desejo ao Id. Em outras palavras, de uma lógica temporal, apreendida graças ao mundo diversificado das representações, ao transbordamento do mundo das representações, no qual não se autoriza nenhum desdobramento reflexivo. Depois, vimos que Green retomou a frase do último de *Além do princípio do prazer* (1920) – em que Freud afirmara que a “ligação é um ato preparatório que introduz e assegura o domínio do princípio do prazer” – para ressaltar o impasse de Freud frente ao problema da ligação originária. Daí, o autor sublinhou que Freud, frente ao problema da ligação, em vez de tirar as conclusões do seu próprio descobrimento – em relação ao fato da ligação ser um ato preparatório –, voltava a insistir no problema da ligação através da constituição das diretrizes do sentido e, portanto, na passagem dos processos primários aos secundários. Logo após, o autor se valeu da colocação de Winnicott, na qual afirma que quando o sofrimento durou excessivamente, somente a ausência do objeto será tida como real, para enfatizar o “aspecto negativo” das relações. A seguir, Green analisou a contradição presente na obra de Freud acerca do objeto: em relação à montagem pulsional, é o que há de mais contingente, ao passo que em relação ao apresentado em *Luto e melancolia* (1915), é total insubstituível e único. Posteriormente, o autor assimilou o inconsciente a essa “reserva de tempo”, enfatizando que quando algo se contrapõe à realização do desejo, trata-se de um *contratempo*, pois impediu a sua realização. Ao retomar os exemplos dados por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), Green colocou em relevo que Freud tinha e não tinha razão ao abordar a transferência. O autor argumentou que não tinha razão ao

ter se excluído, enquanto objeto de transferência, da explicação. Depois, o autor considerou que tanto Freud, como seus sucessores, falharam em pensar a função do objeto no seu vínculo com o tempo e, conseqüentemente, na instalação da secundaridade, ou seja, na suspensão da descarga. Finalmente, ao refletir sobre a problemática da temporalidade, Green salientou que ela se estende para além da concepção da intemporalidade do inconsciente. Tema tratado no próximo e último capítulo.

No sétimo capítulo, *O objeto e a heterocronia do psiquismo*, nosso objetivo geral foi mostrar que cabe ao objeto a instalação da heterocronia do psiquismo. Vimos que Green voltou a insistir na resistência que suscita até os dias atuais a ideia de um narcisismo primário, e a difundida concepção de uma relação com o objeto desde o começo. A seguir, o autor frisou que não se pode perder de vista o paradoxo freudiano: a existência do objeto em separado se faz possível na perda do objeto narcisista. Logo após, Green destacou que tal paradoxo coloca novamente em evidência a mutação decisiva do narcisismo ao objetal, e da separação enquanto tempo prévio a qualquer relação. Nesse sentido, o autor defendeu a tese de que a ligação com o outro é contemporânea e coextensiva a abertura ao tempo, remetendo, por sua vez, à categoria fundamental do tempo da transicionalidade. A seguir, vimos que Green considerou que aquilo que não foi visto pelos psicanalistas pensadores do tempo foi “a internalização das temporalidades coexistentes de um fora-do-tempo, de um contratempo e de um anti-tempo”. O autor concluiu que a intemporalidade do inconsciente é, na verdade, a intemporalidade de Eros, ao passo que a compulsão à repetição mortífera, é o assassinato do tempo, um anti-tempo.

Finalmente, o trabalho defendeu a tese de que Green aceitou o conceito freudiano de pulsão de morte enquanto força de desligamento, mas recusou o seu biologismo mítico subjacente à ideia do retorno ao estado inorgânico. Além disso, se Green concordou com a explicação freudiana para a pulsão de morte enquanto força de desligamento – expressada no narcisismo negativo –, ele se recusou a conceber que o processo de desligamento pudesse ser instaurado de maneira espontânea ou automática. Para ele, este processo deve ser pensado mediante a articulação do funcionamento pulsional e da reposta do objeto que, neste caso, falhou no estabelecimento do princípio do prazer; em outras palavras, o fracasso na instalação da espera institui a compulsão à des-fazer e des-ligar. De tal modo, a compulsão à repetição mortífera, ao contrário de repetir o desejo inconsciente – e, portanto, estar referida à intemporalidade do

inconsciente e à lógica da esperança – é, na verdade, um anti-tempo. Nesse sentido, presente, passado e futuro se reduzem ao instante da descarga completa de toda tensão, impossibilitando qualquer projeto.

Dado o anterior, resultou que as teorizações de Green, em relação ao trabalho do negativo, ainda que avessas à tese freudiana do retorno ao estado inorgânico, aceitaram, não obstante, a tese da pulsão de morte enquanto processo de desligamento, desde que esta seja pensada através da articulação das dimensões intrapsíquica e intersubjetiva. Isso implicou pensar na resposta do objeto e fazê-lo responsável pelo malogro na instalação da heterocronia no psiquismo.

Concluimos que a obra de Green oferece uma alternativa original ao biologismo mítico para a explicação da pulsão de morte.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- Assoun, P-L. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983
- \_\_\_\_\_. *O Freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991
- \_\_\_\_\_. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996
- Binswanger, L. *La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie*.  
Em: \_\_\_\_\_. *Discours, parcours, et Freud. Analyse existentielle, psychiatrie clinique et psychanalyse*. Éditions Gallimard, 1970
- Bruno, E. V. *Representação e Afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiana*.  
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009
- Candí, T. *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Editora Escuta, 2010
- Caropreso, F. *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo: Annablume, 2010
- Cintra, E. M. de U. André Green e o trabalho do negativo. Em: *Percurso (São Paulo)*, v. 49, 2013, pp. 27-31
- Coelho, Jr. N. E. A Importância de André Green para a Psicanálise Contemporânea. Em: *Percurso (São Paulo)*, v. 49/50, 2013, pp. 141-152
- Ferenczi, S.. Perspectiva em psicanálise. Em: \_\_\_\_\_. *Obras Completas Psicanálise III* São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1924]
- Freud, S. Recordar, repetir e elaborar. Em: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1914]
- \_\_\_\_\_. O Instinto e suas vicissitudes. Em: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1915]
- \_\_\_\_\_. Repressão. Em: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1915a]
- \_\_\_\_\_. O Inconsciente. Em: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1915b]
- \_\_\_\_\_. Suplemento metapsicológico à doutrina dos sonhos. Em: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1917 [1915c])
- \_\_\_\_\_. Luto e melancolia. Em: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1917 [1915d])

- \_\_\_\_. Além do princípio do prazer. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1920]
- \_\_\_\_. Psicologia de grupo e a análise do ego. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1921]
- \_\_\_\_. O Ego e o Id. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1923]
- \_\_\_\_. Neurose e psicose. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1924[1923a])
- \_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1924]
- \_\_\_\_. Uma nota sobre o “bloco mágico”. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1925[1924a])
- \_\_\_\_. A negativa. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1925]
- \_\_\_\_. Inibições, Sintomas e Ansiedade. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1926[1925])
- \_\_\_\_. O Futuro de uma ilusão. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1927]
- \_\_\_\_. O Mal estar na civilização. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1930[1929])
- \_\_\_\_. Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1933[1932])
- \_\_\_\_. Análise Terminável e Interminável. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1937]
- \_\_\_\_. Construções em análise. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1937a]
- \_\_\_\_. Esboço de psicanálise. Em: \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1940[1938])
- \_\_\_\_. A divisão do ego no processo de defesa. \_\_\_\_ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (1940[1938a])
- Figueiredo, L. C. Intransigência e criatividade em André Green. Em: *Sig: revista de psicanálise*. Porto Alegre: Sigmund Freud, Vol. 1 N. 3 (Jul-Dez/2013), pp. 11-15

Gabbi, Jr. O. F. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003

Garcia, C. A. Os estados limite e o trabalho do negativo: uma contribuição de A. Green para a clínica contemporânea. Em: *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza. Vol. VII – N.1 –Mar/2007, pp. 123-135

Green, A. *O discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982[1973]

\_\_\_\_\_. O narcisismo primário: estrutura ou estado? Em: \_\_\_\_\_. *Narcisismo de vida. Narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988[1967]

\_\_\_\_\_. *Le travail du négatif*. Paris: Les Éditions De Minuit, 1993

\_\_\_\_\_. La pulsion et l'objet. *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Editions Champ Vallon: Seyssel, 1995

\_\_\_\_\_. L'objet e et la fonction objectalisante. Em: \_\_\_\_\_. *La métapsychologie revisitée*. Editions Champ Vallon: Seyssel, 1995a

\_\_\_\_\_. La repetición, causas, características. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000a]

\_\_\_\_\_. Transferencia, repetición, ligazón. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000b]

\_\_\_\_\_. El objeto y la pulsión. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000c]

\_\_\_\_\_. De la ligazón y del outro. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000d]

\_\_\_\_\_. El tempo y el outro. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000e]

\_\_\_\_\_. Figuras de la fragmentación. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000f]

\_\_\_\_\_. La mutación del aparato psíquico en la segunda tópica. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000g]

\_\_\_\_\_. El espacio y el tempo em el pensamiento psicoanalítico. Em: \_\_\_\_\_. *El tempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[2000h]

\_\_\_\_\_. El silencio del psicoanalista. Em: \_\_\_\_\_. *La neuva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud. Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001[1979~]



- \_\_\_\_. Introducción. El giro de los años locos. Em: \_\_\_\_\_. *La neuva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud. Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amarrortu, 2001[1990]
- \_\_\_\_. La doble frontera. . Em: \_\_\_\_\_. *La neuva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud. Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amarrortu, 2001[1982]
- \_\_\_\_. La capacidade de ensonãcion y el mito etiológico. Em: \_\_\_\_\_. *La neuva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud. Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amarrortu, 2001[1987]
- \_\_\_\_. Por qué el mal? Em: \_\_\_\_\_. *La neuva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud. Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amarrortu, 2001[1988]
- \_\_\_\_. La rememoración: efecto de memoria o temporalidade en acción? Em: \_\_\_\_\_. *La neuva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud. Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amarrortu, 2001[1982]
- \_\_\_\_. Huellas de lo negativo em la obra de Freud. Em: \_\_\_\_\_. *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amarrortu, 2006[1993a]
- \_\_\_\_. Pulsión de muerte, narcisismo negativo, función desobjetalizante. Em: \_\_\_\_\_. *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amarrortu, 2006[1993b]
- \_\_\_\_. El analista, la simbolização y la ausência em el encuadre analítico. Em: \_\_\_\_\_. *De loucuras privadas*. 2ª Edição. Buenos Aires: Amorrortu, 2008[1974]
- \_\_\_\_. El concepto de fronterizo. Em: \_\_\_\_\_. *De loucuras privadas*. 2ª Edição. Buenos Aires: Amorrortu, 2008[1976]
- \_\_\_\_. Espacio potencial em psicoanálisis. Em: \_\_\_\_\_. *De loucuras privadas*. 2ª Edição. Buenos Aires: Amorrortu, 2008[1978]
- \_\_\_\_. El psicoanálisis y los modos del pensar ordinário. Em: \_\_\_\_\_. *De loucuras privadas*. 2ª Edição. Buenos Aires: Amorrortu, 2008
- \_\_\_\_. Concepciones sobre el afecto. Em: \_\_\_\_\_. *De loucuras privadas*. 2ª Edição. Buenos Aires: Amorrortu, 2008<sup>a</sup>
- \_\_\_\_. Os cortes epistemológicos de Freud. Em: \_\_\_\_\_. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008b
- \_\_\_\_. Abertura para uma renovação da teoria: linguagem subjetal e linhagem objetal. Em: \_\_\_\_\_. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008c
- \_\_\_\_. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2010[1993]

- \_\_\_\_. Lo intrapsíquico y lo intersubjetivo. Pulsiones y/o relaciones de objeto. Em: \_\_\_\_.  
*Em pensamento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu, 2010[2002]
- \_\_\_\_. Introducción al pensamiento clínico. Em: \_\_\_\_.  
*Em pensamento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu, 2010[2002a]
- \_\_\_\_. Sobre la discriminación y la indiscriminación afecto-representación. Em: \_\_\_\_.  
*El pensamento clínico*. Buenos Aires, Madri: Amorrortu editores, 2010 [2002b]
- \_\_\_\_. La muerte en la vida. Algunos referentes para la pulsión de muerte. Em: \_\_\_\_.  
*Em pensamento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu, 2010[2003]
- \_\_\_\_. El narcisismo primario: estructura o estado. Em: \_\_\_\_.  
*Narcisismo de vida. Narcisismo de muerte*. 2ª Edição. Buenos Aires: Amorrortu, 2012[1967]
- \_\_\_\_. Prólogo. El narcisismo y el psicoanálisis: ayer y hoy. Em: \_\_\_\_.  
*Narcisismo de vida. Narcisismo de muerte*. 2ª Edição. Buenos Aires: Amorrortu, 2012[1982]
- \_\_\_\_. Hipótesis sobre la génesis de la pulsión de muerte. Em: \_\_\_\_.  
*Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu, 2014[2007a]
- \_\_\_\_. De la compulsión (coacción) de repetición a la reproducción originaria. Em: \_\_\_\_.  
*Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu, 2014[2007b]
- \_\_\_\_. O andamiaje ocultable del narcisismo. Em: \_\_\_\_.  
*Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu, 2014[2007c]
- \_\_\_\_. La pulsión de muerte em la cultura. Em: \_\_\_\_.  
*Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu, 2014[2007d]
- Hanns, L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- Monzani, L. R. *Freud. O movimento de um pensamento*. 2ª. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989
- \_\_\_\_. Discurso filosófico e discurso psicanalítico. Em: Prado Jr., B. (org). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990
- Ricouer, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977[1965]
- Urribarri, F. André Green: paixão clínica, pensamento complexo. Em direção ao futuro da psicanálise. Em: *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*. Porto Alegre, N. 10, Jul/Dez 2010

- \_\_\_\_. André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. Em: *Jornal de Psicanálise* 45 (82), pp. 143-159, 2012
- \_\_\_\_. Entrevista: André Green – a representação e o irrepresentável. Em: *Revista Percurso*, ano XXV, n.49/ 50, junho de 2013
- \_\_\_\_. Prefacio. André Green: Pensar la destructividad, recrear el psicoanálisis. Em: Green, A. *Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte*. Buenos Aires: Amarrortu, 2014